

problema».

Filipe “China” – «Só fugimos uma vez da polícia, numa noite em que puseram uma bomba no carro do sr. Jorge de Freitas. Não tínhamos nada a ver com aquilo, mas ficámos com medo...».

O corpo conhece a cumplicidade. Sabe que na ilha é a desconfiança que recebe quem vem de fora.

O corpo não sabe os segredos da areia, da terra infértil que massacra os homens, do sol a pique, dos fornos de cal e sofrimento. O corpo não sabe nada sobre o esquecimento e o silêncio.

Filipe “China” – «Não tínhamos nada contra os madeirenses, mas não admitíamos que viessem para cá roubar uvas e destruir

os campos, partir bancos e candeeiros, entortar chapas de matrícula. Não admitíamos que nos chamassem “jericos”. Éramos um grupo de dez vigilantes. Todas as noites percorríamos a ilha de mota e quem fizesse merda...».

Filipe “China” – «Pusemos muitos a dormir nos carreiros. Eles corriam para a ponta do cais e jogavam-se para fugir. Usávamos as mãos, mas tínhamos, num “armazém”, um arsenal de armamento. Tínhamos correntes e tacos de basebol, paus e ferros. Às vezes, apanhávamos uns “durinhos” e tínhamos de ir buscar as armas. Nunca nos demos mal, até porque o pessoal “passava palavra” e toda a gente nos conhecia. Depois daquilo tudo ainda vinham falar connosco, para ver se não tinham mais problemas».

«Nunca matámos ninguém. Rachávamos algumas cabeças, mas nunca matámos ninguém. Para ser um “cão da noite” não se podia ser muito louco.»

Filipe “China” – «Chegámos a amarrar as motas às estacas das tendas. Não havia parque de campismo e eles acampavam por aí, na praia. Arrancávamos, e deitávamos as tendas ao chão, com eles dentro».

No Funchal contam-se outras histórias. Fala-se em motas atiradas do cais. Em grupos que partiam armados com paus, tacos e pés-de-cabra, que corriam o Porto Santo à procura dos “Cães da Noite”. Filipe mexe-se na cadeira. Baixa os olhos. Ri. Levanta os olhos e coça a cabeça. Retoma a descrição:

Filipe “China” – «Nunca matámos ninguém. Rachávamos algumas cabeças, mas nunca matámos ninguém. Para ser um “cão da noite” não se podia ser muito louco. Nós não queríamos toda a gente, havia aí uns tipos que eram completamente “chanfrados” e esses a gente não queria».

Chefe Carlos Martins – «Eles nunca mataram ninguém... Houve aí um caso, eu ainda não era chefe, de um servente de pedreiro da Madeira que desapareceu. Estávamos no final dos anos 70 e a Polícia Judiciária é que pegou. Nunca se descobriu aquilo que aconteceu, mas os “Cães da Noite” não tiveram nada a ver com isso».

#### **Um carro, uma queda, um morto e o fim**

Noite de Inverno. Uma sirene acorda a vila e corre para o sítio do Pedregal. Sobrepõe-se aos gritos do vento. Os homens saem das tocas e desafiam a chuva. A notícia espalha-se: um carro caiu num abismo.

«Morreram todos».

Filipe “China” – «Íamos seis num carro e caímos de mais de cinquenta metros. Ninguém tinha carta».

As equipas de socorro faziam tudo para resgatar os feridos. A sirene afastava-se em direcção ao centro da vila, e regressava.

Filipe “China” – «Um de nós morreu logo. O outro, ficou paralítico, e morreu anos depois. Eu, e os restantes três, fomos transferidos para o Hospital, na Madeira. Quando lá cheguei, não me lembrava de nada. Ainda no Hospital, dias depois, quando falei com um dos nossos, perguntei-lhe porque estava ali».

«Então não sabes, caímos de mota!».

